

CASTELO INTERIOR

OU MORADAS



Coleção CLÁSSICOS DO CRISTIANISMO

1. *História de uma alma*, Santa Teresinha
2. *Cartas completas*, Santa Catarina de Sena
3. *Obras completas*, Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face
4. *Tratado da verdadeira devoção à Santíssima Virgem Maria*,
São Luís Maria Grignion de Montfort
5. *Revelações do amor divino*, Juliana De Norwisch
6. *Diário*, Santa Gemma Galgani
- 7/1. *Sermões: de Primeiro Domingo do Advento a Sexta-Feira Santa (Vol.1)*,
São João Maria Vianney, o Cura d'Ars
- 8/1. *Castelo interior ou moradas*, Santa Teresa de Jesus
- 8/2. *Livro da Vida*, Santa Teresa de Jesus
- 8/3. *Caminho de perfeição*, Santa Teresa de Jesus



SANTA TERESA DE JESUS

*Castelo interior
ou moradas*



Título original
Castillo Interior

Tradução
Carmelitas Descalças do Convento Santa Teresa, Rio de Janeiro, segundo a edição crítica de Frei Silvério de Santa Teresa, OCD

Impressão e acabamento
PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Teresa, de Ávila, Santa, 1515-1582

Castelo interior ou moradas / Santa Teresa de Jesus; tradução de Carmelitas Descalças do Convento Santa Teresa, Rio de Janeiro, segundo a edição crítica de Frei Silvério de Santa Teresa, OCD. – 1. ed. – São Paulo: Paulus, 1981. (Coleção Clássicos do cristianismo)

ISBN 978-85-349-0333-2 (Simples)

ISBN 978-65-5562-078-8 (Luxo)

Título original: Castillo interior

1. Vida espiritual - Igreja Católica 2. Espiritualidade I. Título II. Carmelitas Descalças do Convento Santa Teresa III. Santa Teresa, Silverio de, 1878-1954

20-2617

CDD 248.4

CDU 248.12

Índice para catálogo sistemático:

1. Vida espiritual - Igreja Católica



Seja um leitor preferencial **PAULUS**.
Cadastre-se e receba informações
sobre nossos lançamentos e nossas promoções:
paulus.com.br/cadastro
Televidas: **(11) 3789-4000 / 0800 016 40 11**

1ª edição, 1981

24ª reimpressão, 2020

2ª edição, 2020

© PAULUS – 1981

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 – São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700

paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-0333-2 (Simples)

ISBN 978-65-5562-078-8 (Luxo)

INTRODUÇÃO

Se perguntassem que tipo de livro é o Castelo Interior, certamente poderíamos classificá-lo como um guia de viagem.

Por surpreendente que seja, a afirmativa nada tem de falso. Apenas é necessário que se atente para as peculiaridades deste livro, em face de outros relatos de viagens comuns. Se é que os há comuns. Toda viagem tem sua dose de surpresa, em função da realidade visitada e dos olhos de quem a vê.

O próprio século de santa Teresa apreciou muitas histórias de aventuras nada comuns. Nascida em 1515, sua vida coincide com o alargamento do mundo conhecido, através das grandes navegações e descobertas. Teria algo de rotineiro embrenhar-se pelas cordilheiras e selvas americanas, ou rumar para o oriente misterioso e rico? Haveria algo de comum nas narrativas dessas viagens — como as de Hans Staden, André de Thevet e outros, que descreviam de forma fabulosa e mítica as terras recém-achadas a oeste, além do oceano?

Não — sem sombra de dúvida. O que, porém, diferencia o Castelo Interior das demais é o rumo a ser tomado. As outras descrições tratavam de aventuras exteriores — em terras muito, muito distantes. Teresa descreve aventuras experimentadas em rota mais surpreendente e misteriosa, pelos caminhos do mundo interior.

Como quem já os percorreu, ela escreve. Os que se lançam por eles, pela primeira vez, podem assim abrir

seu guia de viagem e se orientar. Com uma vantagem. Os guias comuns, encontráveis nos escritórios de turismo, relatam friamente os pontos de interesse e nada mais. O guia de Teresa equivaleria propriamente a uma conversa. Aquela que já conhece o roteiro conta o que viu aos que vão partir. Não só o que se pode ver, mas também pequenos cuidados — coisas geralmente esquecidas: onde achar pouso seguro, qual a estrada mais indicada, o que temer e em que confiar. A rota interior nada tem a ver com mera viagem de turismo. É rota de migração. Quem parte deseja alcançar o termo para aí ficar. Torna-se, portanto, imprescindível achar um guia seguro, que não permita errar o caminho.

Esse movimento é claro na estrutura das Moradas. A Autora concebeu-as num esquema muito simples: um objetivo a ser alcançado e uma alma que avança até ele. O objetivo aí seria, não um país distante, mas o próprio interior da alma: um castelo. E por que um castelo? Porque nele mora um Rei.

Para se compreender a razão de tal figura, não se pode também esquecer que Teresa nasceu em terras de Castela. Sua cidade — Ávila — lembra um imenso castelo, com muralhas, portões, vigias e torres, onde se agitavam monges e cavaleiros, preocupados em correr caminhos: estes, as velhas estradas da Espanha; aqueles, as sendas do próprio espírito. Não era sem razão que Ávila se chamara “cidade dos cavaleiros e dos santos”.

O castelo medieval, com sua estrutura maciça, aparece assim como uma das bases da metáfora usada pela autora. Não, porém, como única. Sua concepção é mais abrangente. Não se deve imaginar tal castelo num mesmo plano, nem seus recintos como enfileirados. Não. O castelo é um diamante, em que todas as moradas se colocam ao redor da central, onde está o Rei. Mais que a própria construção em si, interessa quem a habita. Tudo mais será regulado em função

deste centro. Interessa o âmagô — como num palmito, diz a Madre, em que há muitas camadas envolvendo a medula saborosa.

Essas camadas são compostas de moradas ou aposentos. No castelo há muitas delas. Hoje pensaríamos num arranha-céu, com sua infinidade de apartamentos, repletos de gente. Porque também nas moradas interiores há muita gente. A única diferença é que a Santa insiste em que se deve considerar tudo com amplidão, sem medo de exagerar. Nada de aposentos estreitos e escuros. Ela própria se espanta diante da capacidade de uma alma, reconhecendo que muito pouco sabemos a seu respeito.

Uma alma é tão ampla quanto um mundo. Um mundo vivo e repleto de gente e segredos. A gente do castelo são as faculdades — a inteligência, a vontade, a memória, a imaginação e os próprios sentidos. Como parentes, amigos e servidores, às vezes ajudam, às vezes atrapalham. Costumam se desorientar sobretudo quando o Hóspede se faz notar, saindo de seu aposento para comunicar-se com o espírito.

A série de comparações e figuras — inspiradas na vida de um castelo — constitui assim o fio orientador da obra. Foi um feliz achado — a própria Teresa o admite, acrescentando que servirá de base para tudo o que disser. Através dele pôde a Santa alinhar num só corpo um conjunto de indicações e considerações muito amplo. A ideia do castelo — ora como um palácio medieval, ora como diamante transfigurado pelo Sol interior — perpassa todo o livro.

Não pensemos, porém, que a Autora se prenda a essa ideia de forma exclusiva. Há muitas passagens em que temos a impressão de que a figura inicial foi esquecida e substituída por outras. É que Teresa tem esse jeito de explicar as coisas, fazendo comparações. Ela confessa ter “esta vaidade”: a de achar que, explicando a seu modo —

usando figuras — torna-se mais fácil entender. Assim vai dizendo coisas indizíveis, fazendo-se compreender com clareza e elegância.

As comparações se sucedem. Deus é como um sol no centro de um diamante — a alma como pedra preciosa traspassada pela luz. A alma é árvore plantada à beira de regato límpido, se em estado de graça; junto a lodaçal, se em pecado. O amor é como abelha — nunca para, sempre se exercitando em fabricar seu mel. O pecado é mordida de víbora, que provoca inchação constante. As paixões e vícios são animais daninhos e selvagens, enquanto os devaneios da imaginação lembram lagartixinhas muito delgadas, que penetram em todo canto. O corpo é a cerca do castelo. Sua porta de entrada é a oração. A última das moradas, a mais interior, um camarim real. E muitas outras metáforas, dentre as quais duas são da maior importância: a do bicho da seda e a do matrimônio espiritual.

A referência à primeira surge nas quintas moradas — e constitui um verdadeiro limite na obra. Com efeito, poderíamos separar num grupo as quatro primeiras moradas e noutra as três últimas. É que então se inicia a metamorfose da alma — como a do bicho da seda em borboleta — através das graças de união com Deus. Vai assim se preparando para o noivado espiritual — extensamente descrito nas sextas moradas — e para o matrimônio. Todas as graças sobrenaturais, as comunicações místicas com o divino Hóspede visam transformar a alma, tornando-a apta para o divino matrimônio, objetivo final, a ser realizado nas sétimas moradas, no camarim do Rei.

Pois esta é a grande descoberta que Teresa pretende divulgar: Deus habita no mais íntimo da alma. Tal verdade — compreendida por ela através da experiência — é das formulações mais antigas de seu pensamento. Contra ela se posicionaram inclusive vários de seus confessores, que admitiam essa presença divina apenas através da

graça, nunca em essência. Teresa, porém, é clara: Deus se encontra na alma como se encontra no céu. Por isso mesmo a própria alma é outro céu, no qual se pode entrar através da oração. Isso é importante frisar — o Castelo Interior é guia para a vida de oração. Guia de viagem por esse imenso mundo íntimo.

Ora, difícil tarefa é descrever todos os recantos de um roteiro assim extenso e variado, sem falar nos segredos comunicados por Aquele que permanece em seu termo. É necessário lançar mão de muitos recursos, a fim de se fazer entender. Esta é a preocupação maior da Santa: fazer-se entender de modo claro e simples.

O livro nasceu mesmo desse desejo, conforme conta o padre Graciano da Mãe de Deus, de quem partiu a ordem para que o compusesse. Diz ele: “O que se passa a respeito do livro das Moradas é o seguinte: eu era seu superior, — isto é, de Teresa. Conversando certa vez com ela sobre muitas coisas de seu espírito, dizia-me: ‘Oh! Como isso está bem escrito no livro de minha vida, que se encontra na Inquisição!’ Disse-lhe então: ‘Pois já que não o podemos ter, recorde-se do que for possível e escreva outro livro, acrescentando outras coisas. E explique a doutrina de modo geral, sem indicar a quem aconteceu o que disser’”.

Tais palavras concordam com o que a Santa esclarece no prefácio à obra: escreve por obediência; muito do que aqui se diz já se encontrava na sua autobiografia; nem tudo, porém, será mera repetição — há o objetivo de acrescentar dados novos e de formular a obra sob um ponto de vista radicalmente distinto da anterior. Na Vida, a doutrina entrava apenas como complemento, na medida em que os fatos narrados permitissem divagações de caráter geral. Aqui, a doutrina tem o primeiro plano, embora a Madre afirme tratar apenas do que entendeu por experiência. Desta forma, verifica-se uma constante tensão na composição das Moradas: de um lado, o cuidado

em escrever um tratado; de outro, a constante busca dos fatos de sua própria experiência, que devem fundamentar a exposição geral.

É justamente nessa rigidez que se encontra o segredo de seu estilo. Teresa não sabe ser totalmente pessoal. Ela própria afirma ter insuficiente base teórica para o que vai escrever. Leituras não lhe faltavam — na Vida, afirma ter sido sempre amiga de bons livros. Conhecia — fato comprovado — alguns dos mais importantes tratados espirituais da cristandade de seu tempo, como o Terceiro Abecedário, do franciscano Francisco de Osuna, que tem papel decisivo em sua trajetória espiritual; as Meditações e os Solilóquios, atribuídos então a Santo Agostinho; ou o Tratado de Oração e Meditação, de seu contemporâneo Pedro de Alcântara, entre outros.

Entretanto, no momento em que escreve seu tratado, Teresa não tem às mãos nenhuma dessas obras. Quando se refere a alguma, fá-lo de memória, acrescentando algumas vezes que não tem certeza das palavras exatas. Tal se passa inclusive com as citações do Antigo Testamento e dos Evangelhos. Não seria próprio de Teresa de Jesus escrever com base em consulta a outros livros — é absurdo imaginar uma coisa desse tipo, que foge completamente a sua espontaneidade. Nem tinha ela então tempo suficiente para rever, sequer para reler o texto.

O momento histórico da composição do Castelo Interior corresponde ao da grande perseguição contra os descalços. Nesse período, frei João da Cruz é preso e o padre Graciano, de completa confiança da Santa, afastado do seu cargo de provincial. Diante de tais tribulações, sua obra reformadora parecia fadada ao desaparecimento. Há, pois, grandes hiatos na composição do livro. Várias vezes se refere ela ao grande tempo transcorrido desde que o deixou, bem como à impossibilidade de reler o que já estava pronto.

Essas interrupções seriam responsáveis por certas mudanças de estilo que se observam no decorrer do livro. Os espaços de tempo mais longos seriam os decorridos entre a composição do primeiro e segundo capítulo das quartas moradas e no capítulo terceiro das quintas, no qual ela afirma haver passado três meses sem escrever. Os dois últimos capítulos das quartas e os três primeiros das quintas moradas correspondem justamente à época mais tempestuosa de sua vida, — os últimos dias de sua permanência em Toledo, no ano de 1577.

A isso se acrescenta sua saúde abalada. Ela declara, logo no princípio, parecer-lhe impossível trabalhar, tal a “zoada” que lhe atormentava a cabeça. Mais adiante, analisa o seu estado com a perspicácia que lhe é própria, o que empresta ao relato um tom profundamente vivencial.

Testemunho de vida — isso é o que distingue sobretudo as obras deixadas por Teresa. Como ela mesma afirma e reafirma, só fala do que conhece, razão pela qual é ela ainda quem diz — vai sempre lembrando tratar-se de sua opinião, do que lhe parece. Certeza tem, todavia, de uma coisa: o que diz é verdade. Certeza própria dos que dominam o assunto de que tratam. Dos que têm autoridade.

Tanto assim, que seu magistério sempre foi reconhecido pela cristandade como autêntico e seguro. Nunca, porém, tanto como hoje. A declaração de seu doutorado, pelo papa Paulo VI, é prova disso e, ao mesmo tempo, um convite a tomarmos sempre seus ensinamentos oportunos e atuais. O próprio Papa afirmou — por ocasião da solenidade do doutoramento — que agora realmente chegara o tempo de Santa Teresa.

Se chegou o tempo de Teresa, começa uma nova etapa de interioridade, de busca de Deus no mais profundo do homem. Começa, pois, o tempo de se redescobrir o Castelo Interior, onde o Criador se encontra com sua

criatura. E não são anjos os que habitam essas moradas — lembre-se. São homens. Eis o motivo por que o livro interessa a todos. Mesmo ao tratar dos fenômenos místicos, a autora não se esquece dos que seguem caminhos não tão extraordinários. Tem sempre o cuidado de dirigir-se também a estes, com conselhos práticos e ponderados.

Se aqui começa o tempo de Santa Teresa — repetimos — começa também o tempo das Moradas, seu voo mais alto como mestra espiritual. Sua mais aquilatada joia, no sentido pleno do termo: um material nobre lapidado numa forma impecável.

Tal perfeição de forma e conteúdo é que faz as grandes obras.

Professor JACYNTHO JOSÉ LINS BRANDÃO
da Universidade Federal de Minas Gerais

O Convento de Santa Teresa do Rio de Janeiro agradece a valiosa colaboração, dedicada e desinteressada, do professor Jacyntho José Lins Brandão na revisão da nova tradução do *Castelo Interior*.

J H S

**Teresa de Jesus, monja de Nossa Senhora do Carmo,
escreveu este tratado, que se intitula**

CASTELO INTERIOR,

para suas irmãs e filhas, as monjas carmelitas descalças.

PRÓLOGO

J H S

1. Entre as ordens que tenho recebido da obediência, poucas se me afiguraram tão difíceis como a de escrever agora sobre assuntos de oração. De uma parte, não me parece que o Senhor me dá espírito nem inspiração para fazê-lo. De outra, ando há três meses com tanta zoadá e fraqueza na cabeça, que me custa muito escrever até para negócios indispensáveis.

Entendendo, porém, que a força da obediência costuma facilitar o que parece impossível, de muita boa vontade resolvi aceitar o trabalho, embora com bastante relutância. É que não recebi do Senhor a virtude de suportar contínuas enfermidades e múltiplas ocupações, sem grande contradição da natureza.

Assista-me com sua graça Aquele que tem feito outras coisas mais difíceis em meu favor. Em sua misericórdia confio.

2. Pouco mais saberei acrescentar ao que já tenho dito de outras vezes, em escritos que empreendi por obediência. Receio repetir as mesmas coisas. Sou como os papagaios. Aprendem a falar e só sabem dizer as palavras sempre ouvidas, repetindo-as constantemente. Assim acontece comigo, ao pé da letra.

Se o Senhor quiser que eu diga alguma coisa nova, Sua Majestade mesmo me dará sua luz. Ou então me trará à memória o que me fez dizer de outras vezes. Não me lembro bem, mas gostaria muito de acertar com alguns

pontos que, diziam, estavam bem explicados em outros escritos, os quais talvez se tenham perdido.¹ Com isso já me contentaria.

Se nem essa graça o Senhor me conceder, se ninguém tirar proveito de minhas palavras, ficarei com o lucro de ter-me cansado e aumentado a dor de cabeça por amor da obediência.

3. E, assim, começo a cumprir esta obediência hoje, festa da Santíssima Trindade do ano de 1577, neste Mosteiro de São José do Carmo de Toledo, onde atualmente me encontro. Sujeito-me em tudo ao parecer das pessoas muito doutas que me mandaram escrever.

4. Se alguma coisa não estiver conforme a doutrina da santa Igreja Católica Romana, será por ignorância, não por malícia. Pela bondade de Deus, sempre estou, estive no passado e estarei no futuro sujeita à santa Igreja. Seja ele para sempre bendito e glorificado! Amém.

5. Quem me mandou escrever, disse que estas monjas dos nossos mosteiros de Nossa Senhora do Carmo têm necessidade de quem lhes esclareça algumas dúvidas em matéria de oração. Na sua opinião, ninguém lhes poderia fazer tanto bem como eu, se acertar em dizer alguma coisa, visto as mulheres se entenderem melhor umas às outras e estas irmãs me terem tanto amor.

Em tudo o que escrever, irei como que conversando com minhas irmãs. Seria desatino pensar em fazer bem a outras pessoas. Nosso Senhor não me fará pequena mercê se isto servir a alguma delas, para louvá-lo um

¹ Refere-se a Santa a sua autobiografia, que estava na Inquisição.

pouquinho mais. Bem sabe Sua Majestade que não tenho outra ambição.

Está muito claro que, se me for dado atinar com algum ponto, todas sabem que não vem de mim. Não há motivo para pensar de outro modo. A não ser que alguma tenha tão pouco entendimento quanto eu habilidade para coisas semelhantes, quando o Senhor, por sua misericórdia, não me torna capaz.